



QUE CORPO É ESSE QUE VESTIMOS E QUE NOS VESTE

Luciano do Amaral Dornelles¹
Fabiana de Amorim Marcello²

RESUMO

O corpo vem sofrendo inúmeras constituições culturais e tecnológicas na contemporaneidade, que lhe conferem novas formas, novos sentidos e significados. O objetivo é discutir como esta incorporação de elementos não-naturais contribui para compreender a constituição do corpo na educação física. Como problema inicial, pretendo compreender como a educação física tem se consignado com a utilização das tecnologias no seu dia a dia. O texto discute no primeiro momento o culto ao corpo, uma quase busca desenfreada por um corpo ideal, depois, analisa alguns conceitos de corpo e, finalmente, apresenta algumas visões de corpo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação Física. Corpo. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The body has undergone several constitutions in contemporary cultural and technological changes, which give new forms, new meanings. The aim is to discuss how this incorporation of non-natural contribution to understanding the constitution of the body in physical education. Initial problem, I want to understand how physical education has been consigned to the use of technology in their day to day. The paper discusses the first time the cult of the body, one almost frantic search for an ideal body, then looks at some concepts of the body and, finally, presents some views of the body in contemporary society.

Key words: Physical Education. Body. Contemporaneity.

RESUMEN

El cuerpo ha sido objeto de varias constituciones contemporáneas en los cambios culturales y tecnológicos, que dan nuevas formas, nuevos significados. El objetivo es discutir cómo la incorporación de la contribución no natural para comprender la constitución del cuerpo en la educación física. Problema inicial, quiero entender cómo la educación física ha sido enviados a la utilización de la tecnología en su día a día. El artículo presenta la primera vez que el culto al cuerpo, casi frenética búsqueda de un cuerpo ideal, a continuación, se examinan algunos conceptos del cuerpo y, por último, se presentan algunos puntos de vista del cuerpo en la contemporánea.



Palabras clave: Educacion Fisica. Cuerpo. Contemporaneidad.

Introdução

Corpo não é apenas *um* corpo. Mais do que um aglomerado de músculos, ossos, vísceras, pensamentos, reflexos e sensações, o corpo é a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, o movimento que dele se executa, as máquinas que nele se hibridizam, os sentidos que nele se incorporam, as marcas que nele se ressaltam, a educação que transparece em seus gestos... Enfim, é um sem limite de possibilidades, que pela própria natureza corporal sempre são reconstruídas. Mas o corpo é também significado, pois é a descrição que fazemos dele que o torna real. A nossa linguagem dá sentido ao corpo, nós o inventamos através do que escrevemos, desenhamos, falamos, satirizamos, afinal, como o representamos.

Estas representações de corpo não são universais nem mesmo fixas. São sempre passageiras, temporárias, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido. Partindo desta produção, compreendendo que a linguagem não reflete fielmente o que existe (ou o que imaginamos que existe) ela própria cria a realidade e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir os conceitos de jovem e saudável, assim como o que é desviante e estranho. Igualmente a linguagem educa o corpo, porque diferentes marcas se incorporam nele a partir de distintos processos educativos presentes tanto na escola quanto fora dela. Há sempre várias pedagogias em circulação, como no cinema, nas músicas, nas revistas e livros, nas propagandas, todos estes são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, nos ensinando sobre o corpo.

É por este viés pós-moderno, abordado pelos estudos culturais, que quero seguir para a análise sobre *o corpo que vestimos e que nos veste*, fazendo um relato da forma com que ele vem sendo representado em nosso dia a dia a partir da minha realidade como profissional de educação física. Também almejo fazer uma crítica ao que estamos fazendo com nosso corpo, que criamos, mantemos e destruimos em busca de um ideal que igualmente foi construído.

Tendo estes pressupostos em mente, pretendo construir uma justificativa para o estudo do corpo na primeira seção do ensaio, que chamei de “Culto ao corpo”, em seguida pretendo fazer uma teorização sobre o “Conceito de corpo” que conhecemos hoje e, na última seção do ensaio, pretendo discorrer sobre o corpo marcado pelo exercício, mostrado nas telas do cinema e representado como um “Corpo na contemporaneidade”.

Culto ao corpo



O culto ao corpo é uma característica marcante da sociedade contemporânea que, preocupada com a saúde dos seus sujeitos, instituiu uma infinidade de estratégias para tornar o corpo individual cada vez mais coletivo. Cresce dia a dia o número de cirurgias e a variedade de tratamentos estéticos, as academias de musculação e de ginástica são cada vez mais frequentadas, além de ser facilmente notável a oferta de medicamentos destinados a melhorar o desempenho do corpo, assim como o número de artefatos destinados exclusivamente ao adorno corporal. O corpo humano natural, biológico, cada vez mais se converte em uma prisão para os outros corpos, ideais, abstratos, metamorfoseados, chegando até mesmo a parecer um inimigo selvagem que precisa ser constantemente domado para não escapar ao controle do cotidiano contemporâneo.

Hoje *malhamos* como se malha o ferro, expressão bastante utilizada nas academias de musculação e ginástica, da mesma forma como *músculos de aço* e *puxamos ferro*, como uma alegoria a transformação da carne em metal, na tentativa de adquirir uma estética de corpo desejada. As técnicas utilizadas para esta estética, apreendidas da mesma forma que qualquer disciplina acadêmica, vão sendo incorporadas ao cotidiano do sujeito e se naturalizando, e sem que o mesmo perceba acabam por reproduzir estas técnicas sem que haja uma reflexão ou dimensão crítica sobre essas atividades e comportamentos. Passa-se a vestir um tipo de roupa, a comer um tipo de comida, a comportar-se na sociedade de acordo com um padrão. O objetivo e o fim da prática são a própria prática, acabam em si mesmos.

O corpo tornou-se um dos objetos de seu próprio consumo, lugar onde substanciosos investimentos estimulam as pessoas a estar em constante busca de uma imagem *ideal*, construída culturalmente. A valorização da aparência jovem, de um corpo magro e saudável, são frutos dessa construção cultural. E é este corpo que funciona como um elo, uma verdadeira união entre o ser humano “cultural” com o “animal”, é ele que faz a interação entre o sujeito e o grupo, entre a coerção social e a liberdade individual. Se a contemporaneidade pode ser definida exatamente pela sua liquidez, como aponta Zygmunt Baumann em vários de seus escritos, e “tudo que é sólido desmancha no ar” (BAUMAN, 2001), o culto ao corpo, demanda do sujeito exatamente o contrário, permanência e imutabilidade.

Do natural ao artificial, do úmido ao seco, da matéria ao espírito, do orgânico ao maquínico, o debate a respeito do corpo parece ser um tema efervescente, sobretudo pela complexidade tenaz que se expõe no contemporâneo. Presenciam-se as (trans/de) formações do corpo e, com elas, instauram-se “novas/outras” mediações entre o cuidar da aparência física e de sua representação sociocultural. Não nos cabe julgar os artifícios de (trans/de) formação do corpo, apenas reconsiderá-los como prática discursiva na ordem da espetacularização corpórea. (GARCIA, 2005)

De maneira geral, o corpo não escapa ao olhar das tecnologias, dando início a uma interação profunda onde estes elementos tecnológicos nos *in-corporam*, nos invadem nas mais diversas situações. Desde uma intervenção estética até uma cirurgia de implante protético, podemos encontrar diversos níveis de incorporações, chegando mesmo em verdadeiros corpos híbridos orgânico-máquina, verdadeiros *ciborgues* humanos.

Ser um ciborgue não tem nada a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de o sujeito ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para



malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a idéia do corpo como máquina de alta performance (KUNZRU, 2000).

Essa dualidade do corpo fica mais clara nas palavras de Marcel Mauss¹, quando fala que “em suma, não existe talvez *um modo natural* para o adulto, mas cada gesto, cada atitude depende da sociedade à qual pertence, é modelada pela educação e pela imitação” (MAUSS *apud* DÉTREZ, 2003). Segundo ele, toda a sociedade, em qualquer tempo e em qualquer lugar, sempre desenvolve modos de controle do corpo, para que estes sejam eficientes no trabalho e socialmente posicionados. Este controle funcionaria desde o início da educação indo até sua morte, ficando o corpo sujeito a maneira com que a sociedade deseja que este corpo se apresente, ou o mais próximo disso. Uma série de ações e de práticas disciplinares são idealizadas para os corpos, sendo que em cada sociedade estas ações e práticas podem variar, mas todas tem em comum uma base de técnicas corporais, tais como: movimentos calistênicos², movimentos funcionais, técnicas esportivas, etc. da mesma forma que as práticas corporais, uma série de dispositivos entram em ação para reforçar o controle sobre o corpo. As imagens veiculadas em revistas, jornais, televisão, cinema, as narrativas no rádio, internet... Enfim, na mídia de uma maneira geral, vão transmitir uma descrição de um tipo de corpo, que reflete a idealização de uma sociedade.

Conceito de corpo

Apesar de inúmeras tentativas, definir o corpo humano é uma tarefa sempre incompleta, pois o conceito de corpo escapa a uma possibilidade de enquadramento única. Ele está situado na interface humana, onde de um lado encontramos seu código genético, característica inata e universal de cada um, e de outro a complexidade mutante de sua identidade cultural, que lhe confere uma singularidade. Como estas partes são suas constituintes, o corpo não pode ser reduzido nem às suas características biológicas, nem às culturais, já que o que o faz corpo é exatamente esta união de ambas. O corpo é também um objeto histórico, e encerrá-lo num conceito único e final o empobreceria de tal forma que o desfiguraria da humanidade de carne, por lhe tirar sua grande qualidade de transitoriedade (SANT'ANNA, 2004).

Uma ruptura fundamental para começarmos a conceituar o corpo, é a idéia de que ele não se resume aos seus elementos orgânicos, ele é também um elemento social, psicológico, cultural e religioso. Está presente nas relações de produção e troca com a cultura e também um meio de comunicação desta, pois através de signos ligados à linguagem: falas, gestos, roupas, marcas corporais, instituições às quais pertencemos, permite nossa comunicação com os outros.

Seus elementos orgânicos não o explicam na totalidade, mas é claro que também fazem parte de seu conceito, pois é no corpo onde são constituídas as idéias, as emoções e linguagens, sendo uma ponte entre o pensamento e a ação. Na sua subjetividade, está sempre produzindo sentidos que representam sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico. Nestas condições, o corpo fala

¹ Marcel Mauss foi um sociólogo e antropólogo francês considerado como o “pai” da etnologia francesa.

² A calistenia é um marco do desenvolvimento da ginástica moderna, com fundamentos específicos e abrangentes, destinada à população mais “necessitada”: os obesos, as crianças, os sedentários, os idosos e também às mulheres. (MARINHO, 1953)



e também é falado, o corpo constrói e é construído, sendo um múltiplo lugar de significações que nossa cultura permite revelar (FAUSTO NETO, 1989).

Nosso corpo é ao mesmo tempo natural e cultural, se por um lado existe uma constituição do biológico universal, que torna todos os humanos, membros de uma mesma espécie, por outro lado existem as construções corporais, sociais e culturais diferentes entre todas as sociedades, que nos tornam singularidades únicas. A definição deste corpo não depende de suas características biológicas, mas de sua especificidade cultural:

[...] o corpo contemporâneo é absolutamente imperfeito, uma vez que ele se tornou não apenas objeto de controvérsias, mas também campo de todas as experiências possíveis. O corpo transformou-se em máquina ruidosa a ser reparada a cada movimento. Máquina defeituosa, “rascunho” apenas, como escreve David Le Breton, sobre o qual a ciência trabalha para aperfeiçoá-lo. Por que esse interesse em mudar o corpo a ponto de projetar para que ele se transforme em uma terceira coisa, nem natural nem inteiramente artificial? (NOVAES, 2003).

A tentativa de definir uma sociedade com base em seu comportamento corporal, vai invariavelmente passar o tempo todo falando de sua cultura, expressa no corpo e pelo corpo de seus sujeitos. Portanto, o que vai ser determinante na definição de corpo para uma sociedade, além do conjunto de hábitos e posturas próprias desse grupo, será o próprio conceito construído e reconstruído na dinâmica cultural. Isto porque, como já explicado, o corpo não é uma entidade natural apenas, é também um artefato produzido pela cultura. Sua percepção das sensações é impregnada pelos significados culturais de uma sociedade, transcendendo o físico e se tornando algo mais. O significado de corpo varia de acordo com o ambiente social em que está inserido, varia em função do estatuto do sujeito social desse contexto. A aparente realidade imutável, que significa que todos os indivíduos têm corpo, deve ser pensada dentro de um contexto cultural específico, pois quando o corpo se expressa, não está falando por si próprio, ele anuncia algo que a própria cultura o autoriza a expressar naquele momento.

As questões da natureza e da cultura do corpo nos remetem às tentativas de conceito de corpo, e abre assim um leque de posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos que além de conturbados, propõem um caminho arriscado para percorrer. Desta forma pretendo me ater a certos momentos específicos da construção deste conceito de corpo, onde as rupturas teóricas, filosóficas e antropológicas crescem, e podemos vislumbrar um corpo *desnaturalizado*, em sua forma mais ideal (se é que esta forma existe e pode ser vislumbrada).

Enquanto instância cultural, assim como as demais realidades do mundo, o nosso corpo é culturalmente construído, num sentido simbólico-cultural humano, ele assume significados diferentes ao longo da história, mas é também materialidade, imutabilidade e identidade e, de acordo com José Carlos Rodrigues “cada cultura *modela* ou *fabrica* à sua maneira um corpo humano” (RODRIGUES, 1987). Cada sociedade imprime, no corpo físico, determinadas inscrições, transformações ou constituições, maneiras por onde o cultural se inscreve e grava sobre o biológico; arranhando, perfurando, queimando a pele, os tendões e até mesmo ossos. O corpo então, como produto da ciência e da mídia, destaca-se como sensação da sociedade consumidora e transforma-se em “um produto maleável” (LE BRETON, 2001). As transformações do corpo são verdadeiras obras de arte, e dependendo da sociedade também são indicadores rituais de posição social, como as mutilações do pavilhão auricular, corte ou distensão do



lóbulo, musculação, bronzeamento ou clareamento da pele, barbeamento, cortes de cabelo, penteados, pinturas, tatuagens... Práticas que tentam ser explicadas, por razões sociais, de ordem ritual ou estética.

[...] há sempre novas maneiras de conhecer o corpo, assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo. Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida... Pesquisar seus segredos é perceber o quão é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre 'biocultural', tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual (SANT'ANNA, 2004).

No esporte, e não qualquer esporte, mas marcadamente o de alto-rendimento (aquele que exige o máximo de desempenho competitivo em busca da vitória), podemos perceber que as tecnologias são fundamentais para a avaliação, planejamento e confecção dos treinamentos de atletas. Conforme as palavras de Haraway (apud Kunzru, 2000), "Vencer os jogos olímpicos na era do ciborgue não tem nada a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo, somos todos quimeras contemporâneas, fabricados, teorizados, constituídos, enfim, somos *ciborgues*, na medida em que utilizamos todo tipo de equipamentos que da mesma maneira *nos* utilizam, nos mapeiam, nos definem (Kunzru, 2000).

Toda sociedade modifica de alguma forma o corpo de seus sujeitos, se especializando na produção de determinados tipos de marcas, estas marcas vão ser traduzidas como marcadores de uma identidade grupal, o corpo biológico inscrito com seus signos torna-se ele mesmo cultura. A materialidade deste corpo concentra e expõe signos, códigos, práticas, repressões e liberdades, sendo sempre submetido a normas que o transformam assim, em *texto a ser lido*, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social (SANT'ANNA, 2004). Concordo com Sant'anna ao pensar que o corpo é um "lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico" (SANT'ANNA, 2004).

O exercício de conceituar o corpo implica pensarmos nele enquanto signo, e as pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente em que está inserido, sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente.

Como outras instâncias, o corpo vive sua própria revolução, com valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, atividades físicas, reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais livre, narcísico e hedonista. Ele não é mais uma intimação a uma identidade intangível, enquanto construção se converte em objeto transitório e manipulável, suscetível a muitas aparências (LE BRETON, 2001).

Admitem-se frequentemente na nossa sociedade contemporânea, corpos bem-construídos, com proporções equilibradas, obtidos por meio de muito esforço *de alguém*³. Existe um constante interesse pelas mediações que contemplam o consumo exacerbado de diferentes formas de treinamento do corpo, de tentativas de retardar seu envelhecimento, cirurgias plásticas, implantes de silicões, tratamentos

³ O treinador, o preparador físico, o professor, o médico, o esteticista e mesmo o próprio sujeito.



estéticos, mudanças de cabelos, além dos exercícios em parques, academias de ginásticas e musculação e na própria casa. As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são as ferramentas cruciais neste processo de constituição dos corpos, pois elas corporificam e impõem novas relações sociais para os sujeitos no mundo todo, inclusive do auto-cuidado e da auto regulação.

Cada sujeito é o responsável por manter seu corpo, afinal, é o seu corpo. Responsável por sua juventude, beleza e saúde, que precisa ser cercado de enormes investimentos pessoais, tempo, dinheiro, a obsessão com a magreza, e uma quase maníaca rejeição à obesidade, que testemunham o poder normatizador dos modelos cada vez mais acentuados na atualidade. Não se trata mais de aceitar o corpo como ele é, mas sim de corrigi-lo e reconstruí-lo. As decisões a respeito do corpo são mediadas pelos valores sociais. Quando um sujeito faz uso de uma modificação corporal, seja ela invasiva (aquelas que mudam de maneira quase permanente o corpo: tatuagens e piercings e escarificações, alongamento dos lóbulos, cirurgias estéticas e de mudança de sexo, implantes de próteses) ou não invasiva (aquelas que o organismo é capaz de regenerar: cortes ou alongamento de cabelos, maquiagens faciais, depilações, clareamento, modificações estéticas) quer, de alguma forma adequar-se aos padrões vigentes para fazer valer sua posição social, para ser inserido em um grupo ao qual se identifica.

Procurando chegar a uma finalização para uma conceituação de corpo, podemos afirmar que nosso corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais, que criam sobre os corpos discursos que sobre ele produzem e reproduzem significados. É um corpo que se torna operador, conforme Gil (1981), que ajuda a pensar os equipamentos, aparelhos, as roupas, usadas pelos atletas como partes do próprio corpo, como o exemplo do atleta paraolímpico Oscar Pistorius, que por ventura de uma dupla amputação de membros inferiores, “incorporou” próteses que lhe conferiram o título de “Blade Runner”, uma alusão aos seres sintéticos presentes na obra cinematográfica.

[...] por meio de um diálogo incessante entre o que vêm e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência (particularmente as mulheres) são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso. Mesmo gozando de perfeita saúde, seu corpo não é perfeito e “deve ser corrigido” por numerosos rituais de autotransformação, sempre seguindo os conselhos das imagens-normas veiculadas pela mídia. (...) Elas constituem o esteriótipo ideal da aparência física em uma cultura de massa ao banalizar a noção de metamorfose, de uma transformação corporal normal, de uma simples manutenção do corpo: “Mude seu corpo, mude sua vida” ou “Você pode ter um corpo perfeito” (MALYSSE, 2002).

Características da sociedade que considera a gordura “ruim” e a obesidade “vulgar”, esta estética da magreza é recorrente na mídia, que praticamente intima as mulheres a seguir dieta e fazer ginásticas da mesma forma que a recorrência de imagens dos corpos masculinos, com músculos definidos e a flor da pele, intima os homens a buscarem musculação e tratamentos diversos. Mas esta busca exige bastante sacrifício físico, emocional, financeiro, estético e cultural.

[...] o sujeito a fim de assegurar um traço significativo de sua personalidade, tenta mudar o corpo para mudar a vida, pois o culto ao corpo tem o mesmo sentido: não devemos nos contentar com o corpo que temos, devemos modificá-lo, torná-lo mais perfeito e tê-lo nas mãos (LE BRETON, 2001).



Tornado um híbrido nestes tempos contemporâneos, o corpo é agora campo de intervenções artificiais como a cirurgia plástica, a engenharia genética, as nanotecnologias. A tecnologia não pode ser vista como uma simples intercessora na relação do sujeito com o mundo, pois já é um dispositivo que concebe o corpo-máquina num mundo onde a vida está em simbiose com o mundo mecânico, informatizado e tecnológico.

Corpo na contemporaneidade

Vivemos num mundo contemporâneo, onde a constituição dos corpos se alia à mídia, à educação e à linguagem, generalizando a paixão pela moda, expandindo o consumo de produtos estéticos e tornando a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de sujeitos. A mídia, em especial, apresenta o corpo como um objeto a ser reconstruído, seja em seus contornos ou em seu gênero (GOLDENBERG, 2002). O corpo torna-se uma superfície *virtual*, um novo terreno onde são cultivadas as identidades.

No universo das redes de comunicação, interessa a construção e a disseminação constante de uma representação de corpo a ser amplamente perseguida e reproduzida pelos sujeitos. O corpo virou “o mais belo objeto de consumo” para os indivíduos, e a mídia junto com seus veículos, mostram constantemente um produto com inúmeras vantagens (saúde, beleza, status...), passou para a produção do consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o próprio consumidor. Este é continuamente insatisfeito com a sua aparência e sempre está em busca de melhorias. O indivíduo e seu corpo recebem tantos estímulos que os remetem a uma realidade interativa. O neologismo “cibercultura” nos dá uma idéia de uma nova cultura, um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de costumes e de valores que crescem juntamente com o desenvolvimento da tecnologia informacional. Le Breton alerta que algumas correntes da cibercultura americana levam até as últimas instâncias a tentação de melhorar o corpo, a ponto de até mesmo extingui-lo em troca de seu *avatar* cibernético. Esta é uma busca de libertação do corpo físico, fazendo-o entrar num universo onde todo o limite seria abolido (LE BRETON, 2001).

No ciberespaço não é o corpo físico que estabelece e determina as interações, afinal, não é o corpo físico que navega, envia e executa ações. Neste universo já não predomina mais a forma, e sim o culto à imagem da forma. O corpo se constitui neste novo universo como um amálgama do real com o fictício, do presente com o ausente, do que se é com o que se gostaria de ser.

A constância de imagens dos corpos de atletas, veiculadas na mídia em geral, revelam um imaginário de corpo idealizado que dividimos. A habilidade de um atleta em um lance crítico de uma competição; o esforço físico para a quebra de um recorde; o lance mais performático e técnico, em que se demonstram as condições físicas dos competidores, são comumente apresentados como modelos ideais de corpos humanos. Divulgados como resultado de uma preparação física extenuante, e que muitas vezes nos fazem crer que vão muito além de exercícios de condicionamento apenas, mas que marcam nossa sociedade profundamente: O corpo vitorioso, desejável, ideal, precisa ser disciplinado, delineado, precisa



superar as limitações com muito suor e até lágrimas. Este é o corpo recorrente no cinema, onde frequentemente aparecem nas equipes vencedoras, ou mesmo em filmes de esportes individuais.

Os tipos de treinamento do corpo, adaptado a esta realidade de busca pela perfeição, no esporte comumente chamada de *alta performance*, acaba por submeter o corpo do “atleta” a um processo paulatino de sacrifícios, resultando em corpos moídos e sofridos, no qual, em algum momento da vida do atleta este esforço será cobrado. Neste processo de submissão do corpo aos sacrifícios, o sujeito passa a estar em risco constante, e são vários os exemplos de limites físicos superados com exagero, como o que aconteceu com o atleta norte-americano, Llewellyn Starks, em 1992, na prova de Salto triplo em Nova York, que ao realizar a segunda passada⁴, viu sua tibia da perna direita partir, tendo uma fratura exposta ocasionada por anos de treinamentos repetitivos que visavam à realização de uma técnica perfeita. Podemos ver muitos exemplos destes sacrifícios, filmes são comumente citados como veículos destas imagens, reforçando a busca pelo tipo de corpo retratado, que sofre mas tem resultado.

É nesta busca do melhor movimento, e da potencialização do desempenho humano, que o atleta deixa de ser apenas “humano”, e passa a ser visto como verdadeira máquina (nos moldes conceituais de Descartes) onde suas engrenagens serão ajustadas em nome da performance. Note-se que o corpo do atleta exemplifica a superação dos limites do corpo “normal” ou sem preparo/treinamento e alude ao corpo artificial ou corpo-máquina, que passa a ser facilmente substituído em caso de desgaste.

Por Superação, entendemos a transformação do corpo, ou seja, uma passagem do orgânico: humano; para o inorgânico: pós-humano; ou corpo-máquina; dada a possibilidade de intervenção tecnológica. Doenças e envelhecimento, por exemplo, são faces da imperfeição humana, na medida em que revelam a fragilidade e temporalidade da carne. São representações da morte: o corpo em estado original caminha para o fim, mas o aprimoramento, alcançado por meio da ciência e da tecnologia, aponta para eliminação desse aspecto negativo (GABRIELLI, et al., 2007).

É comum ouvir relatos de atletas de alta performance afirmando que não existe vitória sem dor, ou sem a superação dos limites individuais: *No pain, no Gain*⁵. A dor é uma das maneiras do corpo avisar que está precisando de cuidados, um sinal de que algo não vai bem, ou está em exagero, e para muitos destes atletas, a certeza de que o treino está fazendo efeito. É importante ressaltar que nos treinamentos de alta performance os atletas estão o tempo todo em seu limite fisiológico máximo ou sub-máximo.

A dor passa a ser algo a mais para ser dominado e controlado, sendo outro obstáculo a ser superado, nunca um entrave na busca do melhor resultado. Sem contar que o visível sofrimento destes atletas, que muitas vezes acabam indo além de seus limites, é comemorado como vitória e laureado na mesma intensidade daquele atleta talentoso, entrando na história e perfilando a galeria de grandes nomes do esporte mundial. Como a exemplo do que aconteceu com a Suíça Gabriele Andersen nas olimpíadas de 1984, em Los Angeles, onde em total esgotamento físico, recusa ajuda, no propósito de alcançar a linha

⁴ Em cada passada o impacto sobre a articulação é estimada ao equivalente 1 tonelada.

⁵ Sem dor não há ganho - vitória. Expressão oriunda da era clássica do fisiculturismo e repetida exaustivamente no filme “pump iron” documentário de 1977 sobre a preparação para a competição de fisiculturismo do Mr. Olympia de 1975. O filme foca em Arnold Schwarzenegger e seus concorrentes, Lou Ferrigno e Franco Columbu. O documentário foi co-dirigido por Robert Fiore e George Butler. Foi baseado no livro de mesmo nome por Charles Gaines e George Butler.



de chegada, e assim o faz em passos cambaleantes, onde desaba ao cruzar a linha de chegada. Ela foi a última maratonista a cruzar a linha de chegada, mas foi eternizada pelo seu feito, sendo lembrada até mesmo mais que a vencedora daquela prova.

Nas representações de corpo, presentes nas imagens midiáticas que tematizam o esporte, o corpo idealizado ou que pode ser construído, aparece como possibilidade de superação dos limites físicos e de constituição de um novo projeto de corpo. Ele manifesta a sua paixão e o seu temor, prolonga as idéias e corrói incertezas, da mesma forma que o desgaste de suas partes orgânicas, o cansaço dos treinamentos intensos e o uso de medicamentos e de cirurgias corretivas vão fazendo parte de seu cotidiano. É o corpo atlético cinematográfico, visto por milhões de pessoas, criticado algumas vezes, mas que aparece como o exemplo de ideal a ser buscado.

Mas por mais modificações, sofrimentos, melhorias, que este corpo pode receber, ainda é humano. Tão humano que padece, chora, entristece e também se cura, ri, se alegra. É esse corpo que continua humano que venho então buscar, sua recorrência em filmes onde o tema seja relacionado às culturas esportivas, em como sua resistência o faz permanecer carne, por mais próteses que sejam implantadas, que teima em vencer, por mais adversários e dificuldades se apresentem. Este corpo fascina, impressiona, é a mola que impulsiona a investigação na direção de respostas que buscamos, mas que podem nunca ser respondidas. Mas é no caminho da busca que encontramos as respostas de perguntas que nem havíamos perguntado ainda.

O esporte é um fenômeno de massa, necessita da presença de “heróis”, “estrelas” ou “ídolos” para manter-se interessante e, conseqüentemente, uma fonte de identificação para os sujeitos. Há uma forte associação entre a figura do atleta com o mito do herói, reforçado pelo caráter agonístico⁶ da disputa esportiva. O papel que desempenham como representantes de uma comunidade, geralmente ultrapassando obstáculos intransponíveis, realizando feitos considerados sobre-humanos e a própria vida disciplinada que levam, favorece a construção da condição de herói destes atletas (RÚBIO, 2001).

A vitória, cultivar a performance e a busca constante da excelência são sentimentos tão frequentemente vividos por todos os envolvidos na cultura esportiva que passam a se tornar naturais. O próprio discurso esportivo presente nos filmes esportivos envolve valores como sucesso, força, superação de limites, vitória e supremacia, onde o esporte é exibido como meio de canalização destas características, desejadas pelos expectadores, tornando-se mais um atrativo para que o sujeito “se prepare” para a vida e o mercado de trabalho competitivo em que vivemos atualmente.

Podemos entender por que os ideais de auto-superação e transcendência estão tão presentes no cinema, afinal, a performance atlética se associa à espetacularização e todos os limites humanos são ultrapassados na busca por um desempenho excelente. Na era da qualidade total e na busca pela perfeição, o discurso do esporte de alto rendimento se coordena perfeitamente com esses ideais.

⁶ Agonística (agonistiké, em grego) significa luta, disputa atlética. Esta luta é conferida aos heróis com o sentido de valorização do guerreiro e do combate intrépido. (RÚBIO, 2001).



Aqui podemos perceber um novo conceito se enredando aos demais já apresentados, é o de Michel Foucault sobre o estabelecimento de *tecnologias do eu*. Este conceito (apud Larrosa, 1995) é fundamental neste contexto para entendermos como o esporte interpela os atletas, e é entendido como:

[...] aquelas práticas que permitem aos indivíduos efetuar por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (LARROSA, 1995).

A transformação de si vai se dando progressivamente no contexto esportivo e as técnicas do treinamento, os próprios resultados alcançados vão sendo tomados como verdades pelo sujeito e que lhe possibilitam manter-se nesse sistema. O discurso do esporte passa a ser reproduzido com devoção. Impera o desejo de vencer e competir a qualquer custo, mesmo que a despeito da saúde. Isso parece inclusive reforçar o caráter de heróico nesses atletas, na realidade das telas ou fora delas, podemos ver corpos que resistem a tudo, até mesmo à dor em favor da competição. São muitos os exemplos de filmes onde a superação das dificuldades e o alcance das vitórias são realizados por atletas quase míticos, embora seja o lado humano sempre bastante delineado. Não é difícil citar uma série de filmes que têm esta característica em comum: *Carruagens de fogo*, *Touro Indomável*, *Jamaica abaixo de zero*, *A um passo da glória*, *Duelo de Titãs*, *Treinador Carter*, *Invictus*, *Menina de Ouro*, *Um sonho possível* e *O lutador*.

A representação do atleta no cinema como alguém capaz de suportar as adversidades e superar todos os obstáculos é um dos efeitos que o discurso da cultura esportiva provoca, tornando-a a representação naturalizada de atleta de alto rendimento como um super-herói, um ser humano fora do comum, ou então um ser sobre-humano. Um verdadeiro ídolo a ser venerado e cujo corpo é desejado por todos.

Referências

- AUMONT, J. *A estética do Filme*. Campinas: Papirus, 1995.
- BARTHES, R. Saindo do Cinema. In: METZ, C. et al. *Psicanálise e cinema*. São Paulo: Global Editora, 1980.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRAUNSTEIN, F. e & PÉPIN, J. *O lugar do Corpo na Cultura Ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CAMOZZATO, V. e GARBIN, E. Narrativas sobre os sujeitos com corpos outros. In: *Anais do II Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (SBECE)*. Canoas/RS: ULBRA, 2006.
- CARVALHO, E. *Pedagogia do cinema em ação: representações de mulheres gordas em comédias hollywoodianas*. [Dissertação] - Canoas: ULBRA, 2009.
- CORBIN, A., COURTINE, J. J. e VIGARELLO, G. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DÉTREZ, C. Santas ou feiticeiras: a construção social do corpo feminino. Trad. Tania Navarro Swain. In: *Labrys. Estudos Feministas*. Brasília: UnB, 2003.
- FAUSTO NETO, A. *O Corpo Falado: a Construção da Doença e Morte de Tancredo Neves nas Revistas Semanais*. Belo Horizonte: PUC-MG/FUMARC, 1989.



- GABRIELLI, L. e HOFF, T. O corpo nas imagens midiáticas que tematizam o esporte. In: *Revista Galáxia*. São Paulo: PUC, dezembro 2007.
- GARCIA, W. *Corpo, Mídia e Representação. Estudos Contemporâneos*. São Paulo: Thomson, 2005.
- GOLDENBERG, M. (org). *Nu e Vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GUIRALDELLI JR, P. *O corpo - filosofia e educação*. São Paulo : Ática, 2007.
- HALL, S. *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1997b.
- KUNZRU, H. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. In: SILVA Tomaz T. (Org.). *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T.T. *O Sujeito da Educação – estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LE BRETON, D. O Corpo-Máquina. In: VEREDAS. *Revista de divulgação do centro cultural banco do brasil*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, março 2001.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MALYSSE, S. Em busca dos (H) alteres-ego; olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (org). *Nu e Vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARINHO, I. P. *Historia da educacao fisica no Brasil*. Sao Paulo: Cia. Brasil, 1953.
- MELO, V. A. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- _____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- METZ, C. O imaginário significativo. In: METZ, C. et al. *Psicanálise e cinema*. São Paulo: Editora Global, 1980.
- NOVAES, A. A ciência no corpo. In: NOVAES, A. *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- RODRIGUES, J. C. O corpo liberado? In: STROZENBERG, I. (Org.). *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.
- RÚBIO, K. *O Atleta e o Mito do Herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- SANT'ANNA, D. Entrevista com José Gil. *Cadernos de Subjetividade*, [da] Pontífice Universidade Católica, São Paulo, v.5, n.2, p.253-266, dezembro 1997.
- _____. É Possível Realizar uma História do Corpo? In: *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2004.
- SARAIVA, K. e MORAES, J. *A Norma dos Corpos Holográficos*. [Online]. [acesso 04 nov 2010]. Disponível em: <http://www.anped.org.br>.
- VALVERDE, M. *Estética da comunicação – Sentido, forma e valor nas cenas da cultura*. Salvador: Quarteto, 2007.
- VAZ, A. F. Da Modernidade em Walter Benjamin: crítica, esporte e escrituras pós-históricas das práticas corporais. In: *Educar*. n. 16. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.



Rua Jackson de Figueiredo, n. 103 Bairro Nossa Senhora das Graças, Canoas – RS. CEP: 92110-280. e-mail: lucianopodes@gmail.com

Tecnologia de Apresentação: Data-show

¹ Professor de Educação Física, Mestrando em Educação pela ULBRA, professor dos Cursos de Educação Física da ULBRA Gravataí.

² Doutora em Educação pela UFRGS, professora dos cursos de Pedagogia na ULBRA e do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA.